

## **A PERCEPÇÃO DA SEXUALIDADE FEMININA EM "NIKETCHE: UMA HISTÓRIA DE POLIGAMIA", DE PAULINA CHIZIANE**

Helton de Farias Henrique (1); Layze Mariana Tenório de Lima (2) Dayanne Kelly Freire Sales (3)

*Universidade Estadual da Paraíba (helton.farias@hotmail.com) (1); Universidade Estadual da Paraíba (layzemariana6@gmail.com) (2); Universidade Estadual da Paraíba (kellykira98@gmail.com) (3)*

**Resumo:** Em “Niketche: uma história da poligamia”, obra escrita pela moçambicana Paulina Chiziane, publicada em 2002, a autora retrata a vivência das mulheres que se encontram em um relacionamento poligâmico e como tal relacionamento é utilizado como forma de controle e de demonstração de poder masculino sobre corpos femininos, sendo mantido através do forte entrelaçamento cultural, social, histórico, econômico e religioso. A protagonista da obra, Rami, após descobrir que o marido mantinha uma relação poligâmica irá atrás das outras mulheres e em conjunto com elas irão tecer uma rede de união, autodescoberta e subversão da situação feminina em Moçambique. A partir de estudos pós-coloniais, do estudo sobre dispositivos de controle sexual e da importância da escrita feminista, este artigo busca refletir sobre a sexualidade feminina. Iremos compreender que a construção das personagens femininas, na obra, não segue o modelo tão enraizado nos nossos imaginários que provem de narrativas europeias ou americanas. E sim, de mulheres que vivem em uma sociedade fortemente marcada pela colonização e tentam subverter, utilizando os métodos disponíveis, uma sociedade na qual a figura masculina deve ser tratada como um ser divino.

**Palavras-chave:** Moçambique; Paulina Chiziane; Poligamia.

### **Introdução**

O presente artigo trata de analisar o livro “Niketche: uma história da poligamia”, de Paulina Chiziane, publicado em 2002. O estudo tem como embasamento teórico discussões acerca da sexualidade feminina, suas representações na sociedade e o discurso repressor e dominante acerca de tal ato, na obra uma das temáticas centrais é a poligamia, ato sexual que envolve a multiplicidade de parceiros, a autora irá apresentar o posicionamento da mulher moçambicana diante da relação poligâmica que se encontra.

A figura da escritora é algo de grande importância para a construção desse trabalho, pois ela diz muito sobre suas narrativas.

Paulina Chiziane nasceu em 1955, de família protestante, moradora da periferia, estudou em escola católica e cursou graduação em Linguística na Universidade Eduardo Mondlane. Na juventude ela participou ativamente dos efervescentes acontecimentos que irromperam a liberdade do seu país frente ao colonialismo

(83) 3322.3222

[contato@generoesexualidade.com.br](mailto:contato@generoesexualidade.com.br)

[www.generoesexualidade.com.br](http://www.generoesexualidade.com.br)

européu. Foi militante da Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO), partido do qual se desvinculou por não concordar com suas posições ideológicas, em relação à mono e poligamia. Suas primeiras publicações foram em periódicos moçambicanos e em coletâneas. ARAUJO (2018)

Dessa forma, analisamos neste trabalho a importância da quebra do silenciamento e apagamento da voz feminina sobre a sociedade da qual ela faz parte, sua posição diante de temas que envolvem amor, sexualidade, política e questões de papéis de gênero. Veremos personagens que com o decorrer da obra tomarão conhecimento de si e do espaço que ocupam e como a partir de tais espaços podem tomar decisões sobre suas próprias vidas.

### **Metodologia**

Os caminhos metodológicos utilizados para o desenvolver dessa pesquisa consiste em montar um estudo que tenha por base uma metodologia descritiva, exploratória com abordagem qualitativa, segundo Creswell (2010) a pesquisa de natureza qualitativa “é um meio de explorar e para entender o significado que os indivíduos ou os grupos atribuem a um problema social ou humano.”. Pretende-se, inicialmente articular uma revisão de literatura, procurando nos estudos já realizados acerca do tema em questão, propriedade para fundamentar a pesquisa de campo.

### **Resultado e Discussão**

#### **“Eu, mulher... por uma nova visão do mundo”**

Escrito em 1992 e publicado em meados de 1994, por iniciativa da UNESCO, o testemunho “Eu, mulher... por uma nova visão do mundo” redigido pela Chiziane (e publicado no Brasil apenas em 2013 pela Revista do Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana da UFF) traz a posição da autora diante de um mundo patriarcal, ela descreve como é ser mulher, negra, moçambicana, que pode vir assumir o papel de mãe, esposa, escritora e outras posições sociais dentro de contextos nos quais a mulher é subjugada e como é possível tecer uma resistência a partir desses contextos.

O testemunho é algo forte, que transmite os sentimentos de Paulina Chiziane para o leitor e mostra como é possível tecer resistências ao mundo patriarcal, um pequeno trecho do texto diz:

Sou mulher comprometida com diversas ocupações. Tenho o emprego, principal fonte de sustento. Tenho a casa e a família. E tenho o sonho da escrita por realizar. O trabalho da escrita é

(83) 3322.3222

[contato@generoesexualidade.com.br](mailto:contato@generoesexualidade.com.br)

[www.generoesexualidade.com.br](http://www.generoesexualidade.com.br)

mais árduo e solitário. Para escrever é preciso planificar, arquitectar as idéias, investigar, ler e conversar. Como posso eu harmonizar todas estas ocupações? Falta-me tempo para tudo, é verdade. Mas o que devo fazer? Desistir dos meus sonhos? Quando o trabalho me aperta e as energias se esgotam, por vezes perco o ânimo, sim. Mas é nesses momentos que sinto uma mensagem dentro do peito reclamando uma publicação urgente. Também sinto que quando escrevo uma nova vida me invade. Viajo embalada na emoção do mundo que construo no pedaço de papel. A escrita consola-me, estimula-me, é a herança mais bela que Deus me legou, não, não posso desistir (CHIZIANE 2013, p. 203-204).

Tal colocação lembra da Virgínia Woolf em “Um teto todo seu” (1985, p. 8), ao dizer que “se a mulher quer se firmar na vida e ser escritora tem que ter um teto todo seu”. Chiziane, ressalta a importância da mulher mesmo assumindo esses diversos papéis sociais necessita ter algo a que afeiçoar-se e não deve desistir mesmo diante dos vários percalços que aparecem nos trajetos da vida. É importantíssimo termos esse testemunho pois ele vem de uma mulher moçambicana que vive em uma país que até pouco tempo atrás ainda era uma colônia de Portugal, logo temos uma forte mensagem pós-colonial retratando a importância do ser feminino dentro das várias esferas sociais.

### **A oralidade na escrita de Chiziane**

Nas obras escritas por Chiziane é bastante presente o uso da oralidade como arma narrativa, dessa forma ela dá ênfase as vozes das personagens femininas e traz para a narrativa um tom de ancestralidade e cultura. Em certos pontos de “*Niketche*” teremos o uso de histórias populares e fábulas para justificar certas ações sociais e culturais de Moçambique. Essa priorização pela presença da oralidade nas suas obras é um dos possíveis motivos pelo qual a Chiziane não se denomina escritora e sim contadora de histórias.

Segundo Mendes e Santos (2016):

Paulina Chiziane desenvolve uma narrativa em que a voz do feminino recupera as histórias da tradição, ressignificando-as. Enfatiza as marcas da oralidade, e a voz feminina aponta para um questionamento e para uma ruptura com o que aprisiona e oprime as atitudes e os desejos femininos. Paulina Chiziane utiliza o fio da oralidade para tecer em uma urdidura única: cultura, institucionalização, hipocrisia, comodismo, convenção, ou a condição feminina no quadro das inteligências e dos afetos.

Através da recuperação da forma como as histórias, saberes locais e cultura eram passados Chiziane traz para sua obra uma riqueza que exalta a sociedade moçambicana e africana, quebrando com a narração de

(83) 3322.3222

[contato@generoesexualidade.com.br](mailto:contato@generoesexualidade.com.br)

[www.generoesexualidade.com.br](http://www.generoesexualidade.com.br)

histórias dentro do período colonial agora temos uma narração moçambicana, pós-colonial e com elementos linguísticos e culturais próprios de si, no qual a contadora de histórias (como é o caso) realmente está narrando sua história, ela se reconhece no enredo e nos elementos que nele contém.

### **A poligamia na cultura moçambicana**

Ao estarmos inseridos dentro de um contexto que um auto grau de influência vinda da cultura social ocidental a visão que podemos ter de temas e vivências como a poligamia e relacionamentos poligâmicos podem vir a ser permeadas de uma certa desconstrução dos relacionamentos fechados e monogâmicos como único meio de manter relações afetivas. Obviamente haverá os discursos que serão contra ou demonstrarão opiniões lidas com um teor de conservadorismo, sendo em sua maioria vindas de pessoas influenciadas por algum viés religioso, como ressalta Braun (2008):

Devemos lembrar que o casamento monogâmico é o modelo a ser seguido nas sociedades ocidentais e principalmente nas cristãs. Contudo, o comportamento sexual masculino sempre permitiu-se ser muito mais permissivo do que o das mulheres. Crescemos ouvindo histórias de homens, casados, que cultivavam amantes, ou que se relacionavam com várias mulheres diferentes, tudo isso sob a ótica de que a virilidade masculina deve ser constantemente reafirmada pela quantidade de parceiras sexuais que um homem tem durante sua vida. Ação essa justificada pela tal “natureza promíscua do homem” (seria legítimo falar de uma poligamia não institucionalizada?). Ainda hoje em dia é possível ouvir o eco dessas afirmações deterministas que justificavam práticas sociais com argumentos de ordem biológica. Por outro lado, a moral sexual de uma mulher era (ainda é?) alvo de acirrada vigia por parte dos demais membros da família e mesmo da comunidade, pelo status moral elevado que a castidade feminina lhe conferia.

No oriente, teremos a presença de religiões que colocam os relacionamentos poligâmicos como padrões, entretanto vemos que a poligamia é a demonstração do poder masculino sobre o corpo feminino, quanto mais mulheres um homem tiver mais poder isso indica. No caso de “*Niketche*”, teremos a sociedade moçambicana como foco e que essas relações de poder são latentes na sua cultura, além de notarmos como Chiziane utilizou da sua obra para tratar de problemas culturais e sociais de Moçambique.

Em 2012 tivemos acesso a uma entrevista concedida pelo arcebispo de Luana na qual ele afirma que a poligamia Africana está diretamente relacionada com as condições



socioeconômicas<sup>1</sup>. Em um trabalho de campo, realizado em 2007 e publicado aqui no Brasil em 2009, feito pela Yolanda Siteo, ela apurou que a poligamia estaria relacionada, segundo os homens, a um cuidado que os homens teriam para com as mulheres:

Em Moçambique, os defensores da “nossa cultura africana” afirmam que um dos factores que serve como incentivo à poligamia é a valorização enorme da maternidade. No entanto, em conversas privadas com amigos, estes argumentos surgem para justificar os interesses dos homens. Isto porque sempre que o assunto é poligamia, só os homens é que a defendem, afirmando que é até um “favor que prestam às mulheres”. Como numericamente são muitas, é preciso criar um equilíbrio na sociedade (SITEO 2009).

Pela lei moçambicana, a poligamia contraria uma das regras essenciais do matrimônio, que é a igualdade dos cônjuges, a lei foi ilegalizada com a Lei da Família, de 2004. Entretanto, por ter laços fortes estabelecidos culturalmente continua sendo muito presente nas vivências do povo de Moçambique e continua sendo utilizada como uma forma de controle e demonstração de poder, enquanto as mulheres permanecem tendo seus afetos e desejos silenciados para o bem-estar do homem.

### **Resumo da obra**

A obra é narrada em primeira pessoa e irá conter a história e confrontos ocorridos com a protagonista Rosa Maria (Rami), mulher de 40 anos, casada há 20 anos com Tony, tendo cinco filhos vindos desse casamento. O contexto histórico e temporal do romance se encontra após a libertação colonial e guerra civil moçambicana. Teremos a descrição dos sentimentos de Rami, logo após ela descobrir os outros casos afetivos do marido, ela irá descobrir que ele estava mantendo outras quatro mulheres, sendo que algumas pensam que poderiam ascender a posição de esposa. A partir dessa descoberta, Rami irá passar por um processo de crise existencial na qual ela irá questionar a sociedade moçambicana e como as mulheres são tratadas e sofrem por conta da influência história e sociocultural presente.

### **Análise e resultados**

É interessante observar que a obra inicia com o quebrar do vidro de um carro, o que gera um barulho que acorda Rami. O que poderia ser uma analogia para o que ocorreria na vida da própria Rami. A protagonista durante toda a obra demonstra ser a esposa modelo, submissa de

---

<sup>1</sup> Entrevista disponível em: <http://www.angonoticias.com/Artigos/item/34403/a-poligamia-nao-e-tipicamente-africana-diz-arcebispo-de-luanda>

todas as formas possíveis ao marido, boa mãe e uma boa dona de casa. Logo passa a questionar a falta de presença do marido na casa, o que leva ela a sair pelos lugares atrás de respostas para tal falta. Rami então passa a encontrar as outras esposas de Tony, esses encontros sempre resultam em violência no primeiro momento, entretanto iria ocasionar em uma relação de autodescobertas e construção do “eu”. Percebemos que Tony inicia tais relacionamentos depois que adquire poder financeiro ao ser promovido de cargo:

Fiz dele o homem que é. Dei-lhe amor, dei-lhe filhos com que ele se afirmou nesta vida. Sacrifiquei os meus sonhos pelos sonhos dele. Dei-lhe a minha juventude, a minha vida. Por isso afirmo e reafirmo, mulher como eu, na sua vida, não há nenhuma! Mesmo assim, sou a mulher mais infeliz do mundo. Desde que ele subiu de posto para comandante da polícia e o dinheiro começou a encher as algibeiras, a infelicidade entrou nesta casa (CHIZIANE 2004, p. 14).

Além de poder exercer tal prática, como é demonstrado através do discurso de um dos policiais amigo de Tony, pois a figura do homem tudo é aceitável:

“-Se o seu marido a deixa, a senhora deve ser azeda, fria. Homem é homem, tem todo o direito de procurar em qualquer lugar o que em casa não há” (CHIZIANE 2004, p. 52).

O discurso de poder do homem sobre a mulher, que é utilizado para justificar a poligamia, também está enraizado na mente de outras mulheres, como é o caso da tia de Rami, chamada Maria:

- Cada tempo a sua história - diz ela. - A prosperidade mede-se pelo número de propriedades. A virilidade pelo número de mulheres e filhos. Um grande patriarca deve ter várias cabeças sob o seu comando. Quando se tem poder é preciso ter onde exercê-lo, não é assim? Abraão, Isaac, Jacob, foram polígamos, não foram? Os nossos reis antigos também o foram e ainda são. Que mal é que há? Na bíblia, só Adão não foi polígamo. Em nossa casa as damas produziam filhos e davam ao reino a imagem de prosperidade. Se o rei tivesse dificuldades, recorria-se aos assistentes conjugais e reprodutores, recrutados entre os homens belos, robustos, inteligentes, do reino. Um rei tem que mostrar a imagem de virilidade, homem sobre todos os homens (CHIZIANE 2004, p. 72)

Percebemos através desses discursos que a poligamia serve apenas ao homem, a mulher cabe apenas o papel de servir e dá prazer, não receber. Segundo Foucault (2017) “Nas relações de poder, a sexualidade não é o elemento mais rígido, mas um dos dotados da maior instrumentalidade: utilizável no maior número de manobras, e podendo servir de ponto de apoio, de articulação às mais variadas estratégias.”. Tal estratégia de poder utilizada por homens polígamos é sustentada através da

construção cultural da sociedade moçambicana, que é centrada no patriarcado colocando a figura masculina em um patamar de elevação máxima. De acordo com Kabengelê Munanga (1988, p. 14), a poligamia não se fundamenta no prazer sexual. A poligamia tem funções econômicas, políticas, religiosas, culturais e sociais importantíssimas.

Com o passar do tempo Rami passa a frequentar a casa/vida das outras mulheres, um dia é convidada para uma festa na casa de Luísa na qual conhece o amante da Lu. Depois de beber uns copos de vinho e motivada por Lu acaba tendo uma relação sexual com Vito, o amante.

Este homem é Deus, responde à minha prece e vem. Os meus braços se abrem como flores desabrochando na carícia do sol. Todas as estrelas da via láctea se estendem no meu leito e eu danço ao som do meu silêncio. Fecho os olhos e voo. Este homem tem o poder infinito de me fazer viver. E morrer. E evadir-me para outros planetas com o corpo em terra. Adormeço na lua (CHIZIANE (2004, p. 80).

Esse é o primeiro momento que Rami demonstra ter recebido prazer sexual, prazer ocasionando por uma transa que não foi proporcionado pelo “seu” Tony. No momento que ela desperta e lembra-se do que ocorreu ela se culpa:

A culpa foi toda minha. O meu corpo inteiro treme como um terramoto. De medo. De vergonha. Dormi com o amante da Lu! Aquela sedenta era eu, no meio do deserto, perseguindo um grão de chuva. Aquela depravada era eu, bebendo vinho, copo sobre copo, como uma prostituta. Entreguei-me a um desconhecido como uma vagabunda (*Idem*)

Logo em seguida, Luísa tem um diálogo que abre a mente de Rami:

—Luísa, como é que isto foi acontecer, logo comigo?

—Oh, Rami. Aquele homem não é criança nenhuma.

És uma mulher carente, mal cuidada, abandonada, vê-se.

Ele prestou-te um serviço. Não há nada de errado nisso.

— O que aconteceu foi estupro. Fui violada.

—Achas?

— Sim. Eu estava inconsciente, embriagada, o

homem aproveitou-se da minha fraqueza.

—Será?

— Invadi o teu espaço.

— Não sou possessiva. Venho de uma terra onde a solidariedade não tem fronteiras. Venho de um lugar onde se empresta o marido à melhor amiga para fazer um filho, com a mesma facilidade com que se empresta uma colher de pau. Na minha comunidade o marido empresta uma esposa ao melhor amigo e ao

ilustre visitante. Na

(83) 3322.3222

[contato@generoesexualidade.com.br](mailto:contato@generoesexualidade.com.br)

[www.generoesexualidade.com.br](http://www.generoesexualidade.com.br)

minha aldeia, o amor é solenemente partilhado em comunhão como uma hóstia. O sexo é um copo de água para matar a sede, pão de cada dia, precioso e imprescindível como o ar que respiramos. Se já partilhámos um marido, partilhar um amante é mais fácil ainda. Assim as contas estão pagas, não é, Rami? —Sinto tanta vergonha! —Oh, Rami, não cometeste crime nenhum.

— Isto é adultério.

— Adultério? Há quanto tempo esperas por quem não vem? Vocês, mulheres do sul, perdem tempo com essas histórias e preconceitos. Renunciam à existência, pode-se saber porquê? Fidelidade a quê, se ele já te deixou? Mesmo as viúvas aliviam o luto em algum momento. E tu não és viúva, o Tony está vivo, está feliz e anda a fazer das suas, por aí (CHIZIANE 2004, p. 82).

Em seguida Rami produz um dialogismo com o pensamento da sua criadora (Chiziane) e da escritora Virginia Woolf, ao reconhecer que ela precisa de uma terra sua, que precisa repousar seu ser. E passa a meditar sobre a poligamia:

Poligamia é uma rede de pesca lançada ao mar Para pescar mulheres de todos os tipos. Já fui pescada. As minhas rivais, minhas irmãs, todas, já fomos pescadas. Afiar os dentes, roer a rede e fugir, ou retirar a rede e pescar o pescador? Qual a melhor solução? (CHIZIANE 2004, p. 91).

Depois de ter esse momento de meditação ela vai atrás da opinião das outras pessoas, como forma de compreender esse tipo de relação que permeia a sociedade, sendo algo de benefícios para alguns e de desgostos para outros:

Andei de casa em casa, de boca em boca. Fiz uma sondagem de opinião à volta da minha história. Perguntei às mulheres: o que acham da poligamia? Elas reagiram como gasolina na presença de um pavio aceso. Explosão, chamas, lágrimas, feridas, cicatrizes. A poligamia é uma cruz. Um calvário. Um inferno. Um braseiro. E cada uma conta a sua história, trágica, fantástica, comovente. Pergunto aos homens: o que acham da poligamia? Escuto risos cadenciados como o gorjear das fontes. Vejo sorrisos que esticam os lábios de orelha a orelha. As glândulas salivares entram em ação como se estivesse a servir um manjar de agradável paladar. I lá aplausos. Poligamia é natureza, é destino, é nossa cultura, dizem. No país há dez mulheres por cada homem, a poligamia tem que continuar. A poligamia é necessária, as mulheres são muitas (CHIZIANE 2004, p. 102).

Tempos depois ocorre a suposta morte de Tony e Rami é submetida ao ritual de purificação da viuvez, chamado *kutchinga*. Depois de ter todos os bens arrancados pela família de Tony, Rami se vê totalmente a mercê. Mesmo ela tendo advertido a sogra que aquele não era Tony, vemos então que a posição de subalterna que Rami ocupa a torna um ser silenciado. Segundo SPIVAK (2010, p. 126),

(83) 3322.3222

[contato@generoesexualidade.com.br](mailto:contato@generoesexualidade.com.br)

[www.generoesexualidade.com.br](http://www.generoesexualidade.com.br)



o subalterno não pode falar. Não há valor atribuído à ‘mulher’ como um item respeitoso na lista de prioridades globais.

Mesmo nessa situação de total controle e perda, Rami, durante o ritual de purificação, irá ter o seu segundo momento de prazer sexual:

Ele dá-me um beijo pequeno. Um beijinho suave e incendeia-me toda com a sua chama. As suas mãos macias tocam o tambor da minha pele. Sou o teu tambor, Levy, toca na minha alma, toca. Toca bem no fundo do meu peito até que morra de vibração, toca. Ai meu Deus, sinto leveza no meu corpo. Sinto um rio de mel correndo na minha boca. Meu Deus, o paraíso está dentro do meu corpo. Tenho fogo aceso no meu forno, eu ardo, eu enlouqueço, eu me afundo. Mergulhamos fundo na leveza das ondas. Sobre nós cai a chuva luminosa das estrelas-do-mar. Os peixes-voadores emprestam-nos as suas asas e voamos no profundo do oceano. Aterra é um lugar amargo e distante. Sinto que vou morrer nos braços deste homem. Eu quero morrer nos braços deste homem. Amor de um instante? Que seja! Vale mais a pena ser amada um minuto que desprezada a vida inteira (CHIZIANE 2004, p. 225).

O terceiro momento que Rami expõe uma satisfação sexual ocorre no final do romance quando Tony já tem regressado para casa e se vê diante da situação que sua suposta morte desencadeou tanto na vida da esposa como das outras mulheres:

Éramos barro fundido num só monte, ele Adão e eu a serpente, à beira do pecado original. Tenta arrancar de mim uma gota de amor, uma palavra de reconciliação. A sua boca ressequida cola-se à minha num beijo divino. Ai, meu Deus, este beijo me enlouquece, me derrete, me transcende, nunca antes me dera um beijo assim (CHIZIANE 2004, p. 332).

É interessante observar que esses três momentos de desejos sentidos pela Rami ocorrem em situações que não estão dentro do seu casamento e sim nas bordas e nesse último caso naquilo que poderia ser considerado o fim.

### **Considerações Finais**

A construção de personagens femininas da Paulina Chiziane não é aquela que temos mais disseminado no nosso imaginário, não se trata da construção de uma personagem feminina europeia ou americana, que sabemos que irá ter esse despertar total e combater das maneiras possíveis o patriarcado/machismo. Rami possui um corpo e mente colonizados, é uma mulher silenciada e subalternizada, ela tenta se libertar, mas dentro do contexto histórico, sócio e cultural em que vive essa total libertação não

é possível, logo ela busca outros meios de liberdade dentro de tal sistema. Rami é construída como um caminho que as outras mulheres seguem para sua libertação enquanto ela continua a mercê do sistema.

Entretanto, isso não a torna mais fraca do que essas super-heroínas que nossa sociedade ocidental compra e vende, Rami é uma mulher que está trilhando e tecendo seu caminho de resistência, uma resistência marcada por uma desconstrução corporal, colonial, de gênero e localizada regionalmente, pois não podemos apagar a importância que é questionar tais normas sociais em um país que até pouco tempo atrás ainda era uma colônia, logo temos centenas de anos de domínio e tão poucos ainda do início de uma libertação. A Rami e as outras mulheres, mesmo que no campo da ficção, apresentadas em “Niketche: uma história da poligamia” são os reflexos dessa vontade e do processo de libertação.

### Referências bibliográficas

ARAUJO, Flora Morena Marina Martini de. Uma leitura feminista da obra Niketche: uma história da poligamia, de Paulina Chiziane. **Dossiê História, Literatura, Cultura Escrita**, [S.l.], n. 41, p. 314-344, jan. 2018. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/vernaculo/article/view/53473/34849>>. Acesso em: 04 maio 2018.

BRAUN, A. B. M. (2008). **Multiculturas, pluralidades, poligamia: o contexto da literatura moçambicana e Niketche, de Paullina Chiziane**. Eletras (UTP),16, p. 1-16.

CHIZIANE, Paulina. Eu, mulher por uma nova visão do mundo. **Literatura e Gênero**, [S.l.], v. 5, n. 10, p. 199-205, abr. 2013. Disponível em: <<http://www.revistaabril.uff.br/index.php/revistaabril/article/view/114>>. Acesso em: 02 maio 2018.

\_\_\_\_\_. **Niketche: uma história de poligamia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade: A vontade de saber**. 4º. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017. 175 p.

MENDES, Algemira de Macedo; SANTOS, Áurea Regina do Nascimento. Paulina Chiziane: uma escrita de gênero e de representação de dilemas culturais. **Áfricas em movimento: literaturas, culturas, histórias, sociedades**, Brasília - DF, Bairro, v. 25, n. 41, p. 97-107, 2016. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/cerrados/article/view/19796/14074>>. Acesso em: 04 maio 2018.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos**. 2 ed., São Paulo: Ática, Coleção Princípios, 1988.

SITOE, Yolanda. **Poligamia: tudo em nome da “tradição”**. Disponível em:

(83) 3322.3222

[contato@generoesexualidade.com.br](mailto:contato@generoesexualidade.com.br)

[www.generoesexualidade.com.br](http://www.generoesexualidade.com.br)

<<http://www.wlsa.org.mz/artigo/poligamia-tudo-em-nome-da-tradicao/>>. Acesso em: 04 maio 2018.

SPIVAK, Gayatri C.. *Pode o subalterno falar?*. Trad. Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora: UFMG, 2010.

WOOLF, V. *Um teto todo seu*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.